

Durval Cordas ■ Marina Massimi



“Quer eu fique,
tudo quer eu vá...
é para a
glória de Cristo”

(Virgilio Resi, 1951-2002)

“Quer eu fique,
tudo quer eu vá...
é para a
glória de Cristo”

(Virgilio Resi, 1951-2002)

Sumário

▪ Um sinal para a longa jornada.....	4
▪ Para sempre, um sim	6
▪ “Lá vou eu entre montanhas, pelo caminho anterior a mim” (Otto Lara Resende).....	8
▪ Em companhia encontrar as necessidades do povo.....	11
▪ “Ele é um homem, é só o que eu sei” (Vinicius de Moraes)	13
▪ Vocação que se comunica.....	14
▪ Uma alvorada de liberdade.....	16
▪ “Quanto mais eu ando mais vejo estrada, mas se não caminho eu não sou nada” (Geraldo Vandr�)......	18
▪ A grandeza � a normalidade da vida	21
▪ Dentro da terra.....	23
▪ Pároco de Nossa Senhora.....	27
▪ “Amarra teu arado a uma estrela” (Gilberto Gil).....	32
▪ A oferta	33
▪ Herança aos amigos	38

coordena o

Marina Massimi

reda o

Durval Cordas

revis o

dom Filippo Santoro e Marina Massimi

diagrama o e capa

Ricardo Borges da Silva

editora respons vel

Isabella S. Alberto

  Revista Passos Litterae Communiois

O céu sobre o horizonte já se tingia de vermelho e a poeira começa a se assentar na estrada que conduz ao cemitério dos pobres, ao pé da montanha. Uma multidão canta na despedida daquele que se fez amigo de todos. Gente da roça, políticos, artistas e empresários. Intelectuais e analfabetos. Ricos e pobres. Revezam-se desde as quatro da madrugada para rezar, chorar e compartilhar a dor.

“Obrigado, ó Senhor, pois no caminho da nossa vida nos fizeste encontrar Virgílio. Por meio dele descobrimos Cristo e a eterna beleza da comunidade”, reza dom Serafim Fernandes de Araújo, cardeal arcebispo de Belo Horizonte, ante o corpo do sacerdote. Ele será enterrado no “lugar da entrega total da sua vida pela Glória de Cristo”, como sintetizara dom Filippo Santoro, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, na mensagem que comunicava na noite anterior a morte do amigo e o sepultamento na Serra da Piedade.

Aqui, à beira da Serra, o grande santuário mariano de Minas Gerais,

a cerca de 50 quilômetros da capital mineira, o povo se reúne para expressar “o amor e o apego que se manifestam para com um pai e um amigo verdadeiro”, nas palavras de sua maior amiga, Manuela, que veio da Itália acompanhando os familiares de Virgílio para o último abraço em vida.

Na homilia, a parte desse povo representada pelo movimento eclesial de Comunhão e Libertação, pelo qual Virgílio era responsável nacional, aparece nas palavras de dom Serafim: “Nós o perdemos, mas temos aqui uma grande família de padres e leigos, que é uma das coisas mais bonitas que floresceram na nossa diocese nestes anos: eles vivem uma verdadeira fraternidade”. O cardeal pede ao Senhor “a força de continuar o caminho com as nossas pernas, e de encontrar cada rosto na profundidade do coração. Preciosa herança do nosso Virgílio”.

Nesse 13 de outubro de 2002, a multidão é um testemunho vivo do que o padre italiano que escolhera a missão no Brasil 21 anos antes realizou em todos os instantes de sua vida: a oferta de tudo pela obra de Cristo. Oferta renovada nas palavras escritas a Manuela no início da doença que o consumiu: “Diante do que me está acontecendo, a única coisa que me interessa é que tudo sirva para que Jesus Cristo seja conhecido e amado”.

“Sua vida se completou como ele desejava”, observa a paulista Ana Lydia, que, entre outros, compartilhava com Virgílio a responsabilidade pelo Movimento, “numa entrega total ao Movimento e à missão que lhe foi confiada. De dois povos, seu coração fez um só”.



Um sinal para a longa jornada

A pequena San Piero in Bagno, centro comercial e núcleo do município de Bagno di Romagna, região de termas no trecho dos Apeninos que fazem fronteira entre a Emilia-Romagna e a Toscana, no centro da Itália, foi fundada no século XIV. Bem ao lado do perímetro urbano se ergue o monte Corzano, no topo do qual um santuário dedicado a Nossa Senhora era habitado até poucas décadas atrás por monges eremitas. Os Resi moram junto à estrada por onde se sobe à montanha e ao lado da igreja paroquial. Virgilio nasceu aqui, em 6 de julho de 1951, primogênito de Angiolo e Santa e irmão de Fernando e Isa, três e oito anos mais novos, respectivamente.

Angiolo, subindo e descendo as montanhas com seus burros para prover a cidade de madeira, chegava a passar vários dias longe da família. Antes de ingressar na escola ou aproveitando as férias, o menino Virgilio adorava acompanhá-lo nesse trabalho. O pai não era de muitas palavras. Passavam a maior parte do tempo em silêncio, dando duro no trabalho, passando frio, às vezes debaixo de chuva. Levavam apenas o essencial. Nas rápidas refeições, pão e salame. Em volta, só a natureza falava sempre. Anos depois, Virgilio fixaria aqueles tempos em versos como estes:



Virgilio criança: com um, oito e dez anos de idade.



*Vejo os olhos semicerrados
de meu pai,
que oscila, ao passo irregular do burro,
e procura obter um sinal
para a longa jornada:
o sinal do vento,
das folhas, do musgo,
do canto dos pássaros,
da cor do céu;
vento, folha, musgo,
canto e cor do homem!*



Com Angiolo, pela primeira vez, o menino aprendeu que a realidade e seus sinais falavam de uma coisa maior. “Esse traço parece ter ficado impresso na alma de Virgílio”, observa Manuela, de Cesena, que o conheceu no início da década de 1970. Por toda a vida ele seria “capaz de captar, por poucos indícios, o que havia de mais profundo nos lugares, nas circunstâncias ou na alma humana”.

A mãe, Santa – Santuzza, como todos a conhecem –, era costureira. “Com ela Virgílio certamente aprendeu que os sinais da criação são idênticos aos que a Igreja nos oferece para reconhecer o Criador”, comenta Manuela.

Era a mãe que o levava à igreja quase todos os dias, às 5h30, para a primeira missa, onde o menino servia como coroinha. E foi ela que começou a dar atenção ao jeito sério e firme da resposta de Virgílio, sempre que lhe perguntavam o que queria ser quando crescesse: “Padre!”. Santuzza decidiu pedir conselhos ao pároco. Padre Dino Crociati, que acompanhava a disponibilidade do menino, sugeriu que o ajudassem a cultivar aquela vontade tão forte.

Assim, o coroinha de apenas 11 anos ia para o seminário menor de Sansepolcro, a pouco mais de 30 quilômetros de San Piero, fazer os estudos do ensino fundamental. Na bagagem, o bom cobertor preparado por Santuzza para que Virgílio não passasse frio naqueles dormitórios enormes, cheios de vidros quebrados nas janelas.

Não foi uma separação fácil para a família. Sempre disponível a ajudar a mãe e a cuidar dos irmãos, maduro e sério na escola, aquele rapazinho era ótima companhia. Por todo o tempo do seminário, Virgílio só passaria em casa uns poucos dias por ano: dois ou três depois da festa da Epifania, em janeiro, e alguns nas férias de verão, em agosto. Angiolo e Santuzza o visitavam a cada duas ou três semanas, com roupas limpas e comidas gostosas – que era o que mais faltava no seminário... Quando ia para casa, ao menos uma coisa era rotina. Todas as vezes, seus pais voltavam a pô-lo de frente para

a opção que estava fazendo: “O sacerdócio não é brincadeira!”. De fato, muitos dos colegas de Virgilio deixavam o seminário ao final do tempo correspondente ao ensino fundamental ou ao ensino médio. “Se você não se sente disposto para isso, ainda é tempo de desistir”, diziam Angiolo e Santuzza. A resposta acompanhava um sorriso: “Não se preocupem. Estou bem certo do que escolhi”.

Para sempre, um sim

Virgilio fez seus estudos de Teologia – equivalentes à universidade – no seminário maior de Arezzo, a cerca de 45 quilômetros da cidade natal. Quando o conheceu, em 1972, Manuela ficou impressionada com a opção daquele jovem, universitário como ela. A Itália e boa parte do mundo eram agitados pela contestação estudantil, e os ideais da tradição católica pareciam cada vez mais distantes. Numa carta, ela arriscou perguntar as razões da escolha do seminarista. E Virgilio respondeu. “Um dos motivos pelos quais quero ser padre é dar resposta às exigências que você sente. Você e milhares de outros jovens”, escreve. “Você não descobre a Cristo um dia, assim, de repente. Nem, depois de descobri-lo, o possui por toda a vida, sem fazer nada. É preciso uma busca contínua: a cada dia se descobre um aspecto sempre novo de Cristo. E quanto mais Cristo se manifesta, mais é exigente, pois, conhecendo-o cada vez melhor, não podemos nos eximir de dar-lhe uma resposta: o nosso sim”.



“Um sim brigado, sofrido e talvez, em alguns momentos, até renegado, mas que deverá sempre ser um sim”, continua Virgilio, começando a relatar um período difícil no seminário, na passagem do ensino fundamental para o ensino médio: “Fiquei por vários anos num estado de inconsciência. Não pensava mais em ser padre. Ia bem na escola sem estudar, por isso não me empenhava em coisa nenhuma. Quando saía de férias, não ia à Missa. Nada me importava. Depois de algum tempo, era inevitável que começasse a ir mal na escola também. Até mesmo no futebol deixava muito a desejar. E você sabe que no colégio, se a pessoa não se destaca numa das duas coisas, não é nada para seus colegas”.

“A certa altura, talvez por reação, comecei a me interessar mais pelos problemas religiosos”, continua. “Talvez nos anos de inconsciência o Senhor tivesse plantado uma semente, sem que eu me desse conta. Naquele período encontrei finalmente uma pessoa amiga com a qual trocar confidências, com a qual falar, falar de ‘algo’ e não das banalidades de sempre”. “No melhor da história”, escreve Virgilio, “quando eu começava



Despedida dos amigos italianos, em maio de 1981, quando padre Virgilio partiu para o Brasil. Abaixo, com os pais Angiolo e Santuzza. Na página ao lado, em Arezzo (Itália) no dia do seu diaconato.

a querer ser gente, ele foi para o Brasil. Esse exemplo foi para mim uma chicotada no meio da cara. Foi o que deu início ao meu amadurecimento como homem e como cristão”.

Em Arezzo, por intermédio de outros seminaristas, Virgilio conheceu alguns jovens de Gioventù Studentesca (GS). Era a experiência que começara a se movimentar quase 20 anos antes em torno do sacerdote e professor milanês Luigi Giussani, e que, desde 1969, assumira o nome Comunhão e Libertação (CL). A denominação GS continuou a ser usada em referência aos grupos de estudantes secundaristas. Virgilio se encheu de curiosidade diante daquela vida de comunhão e amizade.

“Esse aspecto que vocês levam muito a sério em GS me impressionou”, escreveu a Manuela, em março de 1973. Com dois amigos, um de Forlì e outro de Sansepolcro, procurava viver a mesma comunhão e estendê-la a outras pessoas.

Em San Piero começava também um grupinho de GS e, por sorte, foi para lá, para a paróquia bem pertinho de sua casa, que Virgilio foi designado assistente, logo depois de receber o diaconato, o primeiro grau do sacramento da Ordem. Em 1975, mandaram-no para outro ponto da diocese, na cidade de Cesena, perto de San Piero. A paróquia era San Rocco, e o pároco, Bruno Benini, era também de Comunhão e Libertação.

Veio a ordenação, em 7 de março de 1976. E a nomeação como sucessor de padre Benini em San Rocco, “uma das paróquias mais complexas e difíceis da diocese de Cesena, onde muitas vezes o debate e as brigas levavam a melhor sobre o trabalho pastoral”, lembra Faken, amigo que o novo pároco logo conquistaria para toda a vida. Entre 1977 e 1981, todas as horas de Virgilio eram gastas entre os encargos





Ordenação sacerdotal de padre Virgilio em março de 1976. Na página ao lado, almoço na casa de Maria Rita no bairro Primeiro de Maio com padre Giussani em junho de 1981.



como pároco, as aulas de religião em duas escolas sucessivamente e a dedicação ao alargamento da comunhão e amizade de CL. Mas havia tempo para cultivar uma pequena centelha, que nunca deixou de arder desde que “começara a querer ser gente”, ainda no seminário menor. Segundo padre Benini, um dia depois de chegar à paróquia de San Rocco, em 1975, ainda diácono, Virgilio já lhe falava de sua vocação missionária. “Mesmo assim”, diz Benini, “por todo o tempo de sua presença ali ele atuou com um empenho amoroso, como se tivesse de ficar lá para sempre”. “Por isso mesmo”, conta, “a paróquia é que acabou se sentindo compelida a continuar com ele... no Brasil”.

“Lá vou eu entre montanhas, pelo caminho anterior a mim” (Otto Lara Resende)

“Eu não sabia de nada até que um belo dia padre Virgilio apareceu por aqui”. Quem fala é padre Pigi Benareggi, pároco de Todos os Santos, no bairro Primeiro de Maio, à época da chegada de Virgilio a Belo Horizonte. Ele recorda a entrada daquele homem alto e robusto, verdadeiro montanhês, de sorriso aberto e olhar aguçado, que puxava o erre à francesa quando falava. “Eu estava arrumando a sacristia. Havia um armário enorme e pesado, que eu não conseguia tirar do lugar. Padre Virgilio entrou e se apresentou. Conversamos algum tempo, depois ele me perguntou o que eu estava fazendo. Expliquei e lhe disse que talvez ele pudesse me ajudar a empurrar o armário. Ele sorriu: empurrar? Que nada: abraçou o armário e o levou até o outro lado da sala como se fosse um pacote levinho!”.

Pigi guardou para sempre a lembrança daquele gesto inesperado, síntese de tudo o que descobriria sobre Virgílio com o passar do tempo: “A coragem e a força enorme de projetar e fazer o impossível, na mais simples naturalidade, quase brincando, graças à força do Espírito”.

Quando chegou ao Brasil, em 1964, Pigi ainda nem fora ordenado. Padre Giussani sempre ensinou que a missão é uma dimensão natural do chamado cristão. Não é de se estranhar, portanto, que o primeiro grupo de GS tenha desembarcado em Belo Horizonte em 1962, apenas oito anos depois do início da experiência do Movimento na Itália. Em 1981, ano da chegada de Virgílio, a população da capital mineira já era de quase 2 milhões de habitantes, dez vezes o previsto para a cidade. Uma das várias favelas que se haviam formado em Belo Horizonte tomava boa parte do bairro Primeiro de Maio.

Na década de 1960, a presença dos amigos de GS fizera nascer uma Pastoral da Juventude viva no bairro, que então se chamava Vila Operária. Por diversos fatores, porém, essa vivacidade diminuía com o passar dos anos, parecendo prestes a desaparecer. A chegada de Virgílio, em maio de 1981, foi como “o sopro de oxigênio nas brasas quase apagadas”, lembra Pigi: “Em pouquíssimo tempo, sua presença fascinante e simples, totalmente em sintonia com o universo daquela nova geração – nada fácil de decifrar –, provocou o surgimento de grupos de jovens em quase todas as comunidades da paróquia”. Jovens que não eram apenas filhos de famílias católicas praticantes, e vinham de todas as classes. Rezavam, debatiam, cantavam, faziam acampamentos juntos; envolviam as famílias, chegando até a mudar o ambiente de seus bairros. Estabeleciam uma amizade nova e profunda, absolutamente inconcebível num mundo cada vez mais individualista e comodista. Entre eles, Virgílio era pai e irmão, amigo e confidente, sustento e mestre.

Quando Virgílio chegou a Primeiro de Maio, inicialmente para substituir Pigi durante suas férias, já havia outros missionários italianos de CL colaborando com o pároco. Rosetta trabalhava na Pastoral das Favelas. Emilio e Maria Rita vinham de uma temporada de vários anos em Macapá, com seus três filhos, pequenos, para colaborar na formação profissional de mulheres e adolescentes e na animação social das comunidades da paróquia. Virgílio permaneceria na paróquia como colaborador. Acabou assumindo a maior parte das responsabilidades, depois da nomeação de Pigi a vigário episcopal da Pastoral das Favelas.



Em São Paulo, a comunidade de CL havia constituído uma sede naqueles anos, depois de uma década de experiência na cidade, e a ela chamara Casa Cultura e Fé. A denominação viria a se reproduzir em várias cidades brasileiras e na América Latina. Espirituoso, Virgílio parodiou aquele nome para batizar uma iniciativa tomada com alguns novos amigos de Primeiro de Maio: a Casa “Cachaça e Mé”, que acolhia a alguns pobres maltrapilhos e alcoolizados abandonados pelas famílias, recolhidos das calçadas do bairro, doentes e às vezes dementes. Virgílio os acolheu dentro da casa paroquial, dispensando a eles uma amizade e uma ternura sem limites. Era o caso de Balaio, Climério, Marquinho e outros que o padre levava consigo aos encontros da comunidade de universitários de CL que já nascia em Belo Horizonte. “Estamos tentando, com a ajuda de uma associação especializada, fazê-los deixar de beber”, contava Virgílio numa carta a amigos italianos; “procuramos um trabalho para eles, e ser um pouco como uma família”. “É uma tentativa”, acrescentava, “e cheia de limites, mas que abre o nosso coração para a caridade”. Pigi conta que todos já morreram, de cirrose ou atropelados, mas que continuam “vivos e amados por todos ainda hoje, associados como são à história humana de padre Virgílio em nosso bairro”.

Em junho de 1981, com apenas um mês em Belo Horizonte, Virgílio colaborava na paróquia, era membro da Pastoral das Favelas e, a convite de dom Serafim, então bispo coadjutor, começava um caminho na Pastoral Universitária. Dom Arnaldo Ribeiro, o bispo auxiliar da arquidiocese, comentava em carta ao diretor do Escritório Missionário Diocesano de Cesena: “Pode parecer demais. Pode parecer que as tarefas não tenham muita conexão. Mas, para quem nos conhece, este é o cotidiano”. Um cotidiano que Virgílio abraçava. Jovens e famílias, velhos e crianças, ricos e pobres sentiam-se todos à vontade com ele. Ele vivia entre a periferia e a universidade como se estivesse em casa. Em toda parte a coisa acontecia: a comunidade cristã nascia e crescia.



À esquerda, padre Virgílio com dom Serafim e padre Ricci; à direita, uma celebração em Vila Boa União, 1982. Na página ao lado, a missa inaugural da Casa Cultura e Fé de Belo Horizonte, em setembro de 1985, e padre Virgílio em encontro de jovens em Moeda, 1987.



Em companhia encontrar as necessidades do povo

“Uma parte importante do meu dia é o momento da correspondência com os amigos na Itália”, escrevia Virgilio em agosto de 1981. Naqueles instantes ele via “como o Senhor se serve também desse nada que eu sou para dar algum testemunho”. Como o de 1983, dessa frase pinçada de uma carta: “O que é decisivo para a minha experiência é que sempre encontrei o Senhor dentro da Igreja, dentro da comunidade”. A comunidade de Belo Horizonte e a comunidade da diocese à qual ainda estava objetivamente ligado, a de Cesena.

A comunhão com os amigos de San Piero e Cesena tinha desdobramentos muito concretos. Pelos mais de 20 anos de vida no Brasil, os amigos italianos foram companhia e sustento em tudo. O que significa estender-se até o apoio financeiro às iniciativas de Virgilio nas favelas e, anos mais tarde, no santuário da Serra da Piedade. No Natal de 1983, a Companhia de Teatro Dell’Arca, nascida da experiência de CL, encenava em Cesena O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, “para lembrar padre Virgilio Resi, missionário no Brasil, e conhecer as tradições e a cultura do povo em que esse nosso amigo desenvolve sua obra”. A assinatura do evento: Grupo de Apoio Belo Horizonte, a maneira como um grupinho de amigos se organizara desde o início. No Natal seguinte, seria a vez de “Canto da Favela. Canções e baladas da tradição popular brasileira”, com os cantores italianos Marina Valmaggi e Maurizio Biasini. E assim, ano após ano.

Mas a presença de Virgilio nas favelas de Belo Horizonte se entrelaçaria ainda a uma outra iniciativa, muito mais estruturada. A Associação Voluntários para o Serviço Internacional (Avsi), que nascera em Cesena em 1972, já operava na África. Segundo Arturo Alberti, o presidente da ONG, a amizade com Virgilio “foi também o começo



de uma atenção à América Latina. Começamos com um pequeno projeto de formação profissional para os jovens da favela Primeiro de Maio”. Cursos como mecânica e eletricidade, manicure, datilografia, cerâmica, corte e costura, primeiros socorros eram ministrados em espaços cedidos pela paróquia. “Mas padre Pigi e padre Virgílio nos fizeram compreender imediatamente que devíamos abrir o olhar a toda a realidade e às necessidades dos homens que viviam naquele contexto”. E a necessidade mais premente era justamente reverter a situação das favelas, tornando-as espaços dignos para a habitação humana. O trabalho da Avsi na urbanização de favelas, desde então, teve 300 mil beneficiários em Belo Horizonte e outras centenas de milhares pelo Brasil. “No relacionamento com padre Virgílio, compreendemos melhor o que significa a palavra encontro, que tem para nós um valor metodológico fundamental”, comenta Alberti. “Superamos o risco do paternalismo e do neo-colonialismo. O relacionamento com as pessoas da favela foi, assim, um relacionamento entre homens, um intercâmbio de riquezas, uma oportunidade de crescimento para cada um”.

Desde então, muitas outras obras floresceram em torno da experiência de CL no Brasil: creches, escolas, centros de solidariedade ao trabalhador, centros de recuperação nutricional, no âmbito das iniciativas sem fins lucrativos, e dezenas de empresas privadas motivadas pelas “dimensões naturais do chamado cristão”. Virgílio se tornou um dos maiores incentivadores dessas iniciativas, aonde quer que acontecessem. Para suprir as necessidades financeiras, transformou-se em “mendigo”, aproveitando todas as oportunidades e relacionamentos para conseguir apoio e financiamento às obras. O que poderia ser uma questão só de temperamento, em Virgílio se tornou uma disponibilidade porque entendeu profundamente a natureza e o significado das obras, como expressão do que a pessoa é.

Recorrendo às palavras de Virgílio se entende sua absoluta falta de pretensão de dar a qualquer necessidade que encontrava uma resposta que brotasse da própria cabeça e das próprias forças. “Contar o que estamos fazendo tem um lado embaraçoso”, escrevia a um amigo em 1982, “pois não estamos fazendo, inventando ou decidindo nada. É a situação que nos pede uma partilha de vida que nasce da fé e que, na esperança, encontra também criatividade e imaginação. É como olhar para a sua vida e ver que não é você que a faz, mas é algo que acontece”. Naquele ano as chuvas haviam desabrigado 150 famílias de Belo Horizonte, muitas delas acolhidas nas paróquias. Diante da possibilidade sempre presente do desespero para aquele povo que sofria também com o desemprego, a miséria e a injustiça, Virgílio chega a uma constatação maravilhada: “É bonito ver que muitas vezes o que faz decidir ter uma reação em vez de outra é a semente de esperança que as comunidades eclesiais estão espalhando nestes ambientes”.

“Ele é um homem, é só o que eu sei” (Vinicius de Moraes)

A semente de esperança, no início da década de 1980, já estava plantada também nas universidades de Belo Horizonte. Viera com pessoas da comunidade de CL de São Paulo que se haviam mudado para a capital mineira anos antes. Em novembro de 1981, poucos meses depois de chegar ao Brasil, Virgílio organizou com aqueles amigos o primeiro “dia de convivência” da comunidade num parque da cidade, convidando universitários de várias faculdades. “Chegou lá montado numa vespa. Um padre barbudo, porte atlético, um tipo fisicamente muito atraente, mas que falava tão mal o português que atrapalhou a maioria das brincadeiras que tinha preparado...”, conta Jussara, então aluna de Medicina. Mônica Baeta, da faculdade de Serviço Social, observa que no início tinha muitas objeções em aderir a uma experiência de amizade como aquela. Ela não acreditava que aquilo pudesse responder ao “desejo de transformação das coisas” que tinha. “Virgílio nunca se furtava em responder a nenhuma daquelas objeções. Foi exatamente essa abertura que me possibilitou encontrar de fato a experiência do Movimento”.

Convidada por Mônica e pela professora Susie, que viera de São Paulo, Márcia conheceu Virgílio e a comunidade num outro momento daquele ano de 1981. cursando o primeiro ano de Serviço Social, ela se interessava pelos movimentos populares em Belo Horizonte e foi a um encontro com favelados da região em que Virgílio vivia. Conheceu Jussara, Virgínia, Graça, e, na casa de uma delas, foi apresentada ao padre “barbudo, de bolsa a tiracolo, que nem parecia um padre”. “Passou um tempo, a Graça me encontrou e me disse: ‘O Virgílio, aquele padre, você lembra dele? Ele perguntou por você’. Por mim? Ele sabia quem eu era? O fato de ser lembrada pelo nome por alguém

À esquerda, férias dos universitários de Belo Horizonte, em 1985.

À direita, acampamento no Parque Nacional de Ibitipoca, em 1991.





Passeio com a comunidade de Belo Horizonte, em junho de 1985. Na página ao lado, primeira comunhão na paróquia da cidade de Moeda, 1987.

que eu tinha encontrado uma vez só me deixou muito impressionada”, conta. Elenice encontrou a comunidade no início de 1982, ela também estudante de Serviço Social: “Um padre que se dispunha a ir uma vez por semana à universidade somente para encontrar um pequeno grupo de pessoas despertava a curiosidade de muita gente. Minhas colegas de sala se perguntavam quem era ele. Eu também me fazia essa pergunta”. Ela conta que Virgílio ficava muito à vontade naquele meio, por onde caminhava com uma certeza tão grande “que às vezes assustava”. “Ele se interessava por tudo e queria saber da vida de cada um, a ponto inclusive de estudar conosco”. Surgiria daí a idéia de elaborar um pequeno texto denominado Método de Estudo, como ajuda para estudar de forma mais adequada, mais uma oportunidade para encontrar estudantes universitários, colegiais, vestibulandos. “Virgílio era acima de tudo um grande amigo e mestre”.

Aos poucos, Virgílio aproximou os universitários que ia conhecendo do grupo de jovens de Primeiro de Maio e da realidade da periferia. Era o início, em Belo Horizonte, do que mais tarde viria a se chamar caritativa. Era também a possibilidade de que nenhum daqueles relacionamentos se perdesse. De fato, nomeado responsável da Pastoral Universitária diocesana em 1983, um ano depois Virgílio seria designado auxiliar do reitor e, no mesmo ano de 1984, reitor do Seminário de Filosofia Comunidade Emaús, e a dedicação ao seminário o afastaria da pastoral em Primeiro de Maio.

O Seminário de Filosofia corresponde à passagem do ensino médio para a universidade na vida dos seminaristas. “Esses são os anos mais difíceis”, comentava Virgílio numa carta, “os anos em que a fé e a certeza religiosa são mais postas em discussão, são mais confrontadas com a vida. Será um trabalho fascinante viver todos os dias com eles a descoberta dessas novas coisas. Sobretudo, será uma grande oportunidade para compartilhar com eles também a redescoberta do meu sacerdócio”.

Vocação que se comunica

Marcos Antônio o conheceu ainda no final de 1983, numa visita de Virgílio ao seminário. Quando, em 1985, o já reitor e amigo assumiu também a paróquia de São Caetano, em Moeda, a cerca de 80 quilômetros de Belo Horizonte, o seminarista

começou a ajudá-lo a dar conta das 13 missas que celebrava um fim de semana por mês e no acompanhamento da paróquia no resto do tempo. Continuaram a trabalhar juntos depois da ordenação de Marcos, em 1990: no santuário da Serra da Piedade, a partir de 1992, no Seminário Propedêutico João Paulo II – do qual Virgílio se tornara reitor em 1988 –, entre 1997 e 1998. Sua história é emblemática: do encontro no seminário – e a confirmação da vocação – à amizade por toda a vida.

É também a característica da história de José Marcilon. “Uma coisa que sempre me cativou foi a atitude de formação do Virgílio. Ele apelava sempre à responsabilidade pessoal, e só depois de muitos anos fui compreender que isso vinha da experiência do Movimento. No seminário Virgílio nunca falava dessa experiência, mas todos viam o amor grande que tinha pelo Movimento. Por isso, todo seminarista que depois aderiu à proposta de CL o fazia livremente, justamente pela formação que ele nos deu”. Padre Giovanni Vecchio, de CL, que de 1984 a 1996 compartilhou com Virgílio o trabalho diário de acompanhamento das vocações nos dois seminários, sublinha como “para Virgílio era fundamental a pureza do ideal – a adesão a Cristo – e a liberdade a ser preservada e cultivada. Virgílio gostava de comentar o versículo do Evangelho que relata como ‘Jesus chamou os 12, e começou a enviá-los dois a dois’ (Mc 6,7). Porque – ele dizia – juntos compartilhamos a busca do ideal, vivendo uma companhia vocacional”. “Foi toda uma geração de padres”, observa Marcos, “ajudada por ele na questão da vocação. Mesmo gente que não era e não é do Movimento”. Naqueles anos, como até hoje, as ideologias não valorizavam em nada o sentido da vocação. “Eu digo que se não tivesse encontrado o Movimento”, acrescenta Marcos, “mesmo que chegasse a ser padre, hoje já não seria mais”. “No primeiro contato que tive com o Virgílio naquela época”, diz Tom, que foi para o seminário em 1988, “o que ele me perguntou sobre a minha vocação é se ela havia mudado a minha vida. Porque, justamente, identificava a vocação não com uma coisa abstrata, mas com algo dentro da vida, que se manifestava no dia-a-dia”.

No cotidiano da vida. “A virgindade é uma das coisas mais claras na minha consciência do estar aqui”, escrevia Virgílio em 1982. “Só pode ser virgindade a maneira como estou com as pessoas da favela, para não enquadrá-las no meu esquema ou ‘possuí-las’ ou acreditar fazer ‘algo’ por elas. [...] É virgindade a maneira de estar com os jovens e com os universitários, é virgindade estar com os alcoolizados, com a Rosetta, com o Pigi ou os Brughera. É preciso que seja, pois



é estranha essa virgindade: é uma plenitude e uma mortificação que continuamente arrebatam seu corpo e o fazem berrar a plenitude a todos. É a coisa que mais do que qualquer outra me faz compreender e viver o mistério da morte e ressurreição do Cristo. Portanto, a virgindade pode ser a postura com a qual viver tudo isto, a única!”

O dia 29 de junho de 1989 foi certamente inesquecível para Virgílio: a ordenação diaconal do primeiro grupo dos “seus” seminaristas. “No abraço, muitos me disseram ‘obrigado’”, anota. “Senti apenas que sou um servo inútil e que o Teu mistério, ó Deus, a Tua presença misteriosa envolve tudo. Que paternidade estupenda, com o desapego! Simples e essencial. Pela Igreja”.

Uma alvorada de liberdade

De maneira simples e essencial também havia nascido, a partir de 1984, a comunidade adulta de CL em Belo Horizonte, a partir dos universitários que iam se formando. “E pensar que tudo começou naquele ‘beco’ onde a Susie morava, com as macarronadas de sexta-feira à noite”, lembra Jussara. “E da inesquecível cachacinha, que ajudou a aquecer aquele desejo que a gente tinha, mas não sabia muito bem de quê...”.

As macarronadas, as missas no fim de semana, os acampamentos no Carnaval, o envolvimento com os projetos da Avsi. E o “ágape festivo”, como se chamavam então os dias de convivência da comunidade, marcados pela partilha da vida, pelas brincadeiras e pelo canto. Desde o início a comunidade de Belo Horizonte foi marcada pelo canto. “O Virgílio ‘gastava’ uma grande parte de seu tempo nos ensinando a cantar e a apreciar a música. Quando a comunidade cantava, o nosso canto era, de fato, a expressão de um povo”, observa Elenice. Arlete, professora de Química, punha a serviço desse povo, ao lado de Virgílio, sua formação também musical. Juntos compuseram canções como Alvorada, A Pátria, Jeremias 2, Príncipe da Paz, que da comunidade mineira invadiram todo o movimento de CL no Brasil. “Foi por causa do relacionamento com ele”, conta, “que precisei aprender muitas posições novas no violão, para tocar as músicas que ele pedia nos retiros do Movimento”.

Virgílio era uma pessoa muito livre, respeitava os passos e os tempos de cada pessoa. Não era muito apegado às formas. Para ele a pessoa vinha sempre em primeiro lugar. Arlete não se sentia à vontade para participar das brincadeiras nos dias de convivência: “O Virgílio me livrou de várias situações como essas. Numa das viagens de férias com a comunidade, por exemplo, ele me pediu para fazer a revisão de um livro. Em outra ocasião, num dos acampamentos de Carnaval, ele me convidou para fazer compras. Que alívio!”.



Via-sacra na Serra da Piedade, 1992. Abaixo, padre Virgílio distribuindo comunhão aos detentos no presídio de Lagoinha, Belo Horizonte, 1986.

A comunidade de CL em Belo Horizonte foi desde cedo lançada a abraçar a cidade. Às vezes o fazia por meio de gestos de educação à caridade, como os que deram origem à profunda amizade com as realidades dos bairros pobres, ou os que levaram jovens e adultos a visitar periodicamente, a partir de dezembro de 1985, os detentos do presídio apelidado “Inferno da Lagoinha”. Outras vezes, os gestos públicos penetravam o mundo da política e da cultura. Em 1986, 1987 e 1988, a aventura se chamou “Alvorada da Liberdade”, dois dias intensos de mesas redondas, exposições artísticas, competições esportivas, shows. E encontros. Encontros, também, com personagens destacados como o compositor Fernando Brant, os artistas plásticos Cláudio Pastro, Hélio Faria e Maurino Araújo, os políticos Dílson Funaro, Roberto Formigoni e Edgar da Mata-Machado, os escritores Gerardo Mello Mourão e Adélia Prado, os cantores Tavinho Moura, Marina Valmaggi e Tino Gomes, os eclesiásticos dom Luciano Mendes de Almeida e Fernando Bastos de Ávila, além do arcebispo mineiro dom Serafim. Elenice conta que o próprio Virgílio não se entusiasmou com a realização da Alvorada em Belo Horizonte, pois achava que a comunidade não estava amadurecida para levar adiante um gesto daquele porte. No entanto, por obediência ao Movimento, “foi a primeira pessoa que chamou para si a responsabilidade do evento. Ele muitas vezes nos chamava a atenção dizendo que tudo aquilo que fazemos é para que Cristo seja conhecido e amado e ao final de cada ação nossa devíamos sempre repetir: ‘Somos servos inúteis’. Isso nos ajuda a reconhecer que é um Outro que constrói a partir de nosso sim e da nossa disponibilidade”.



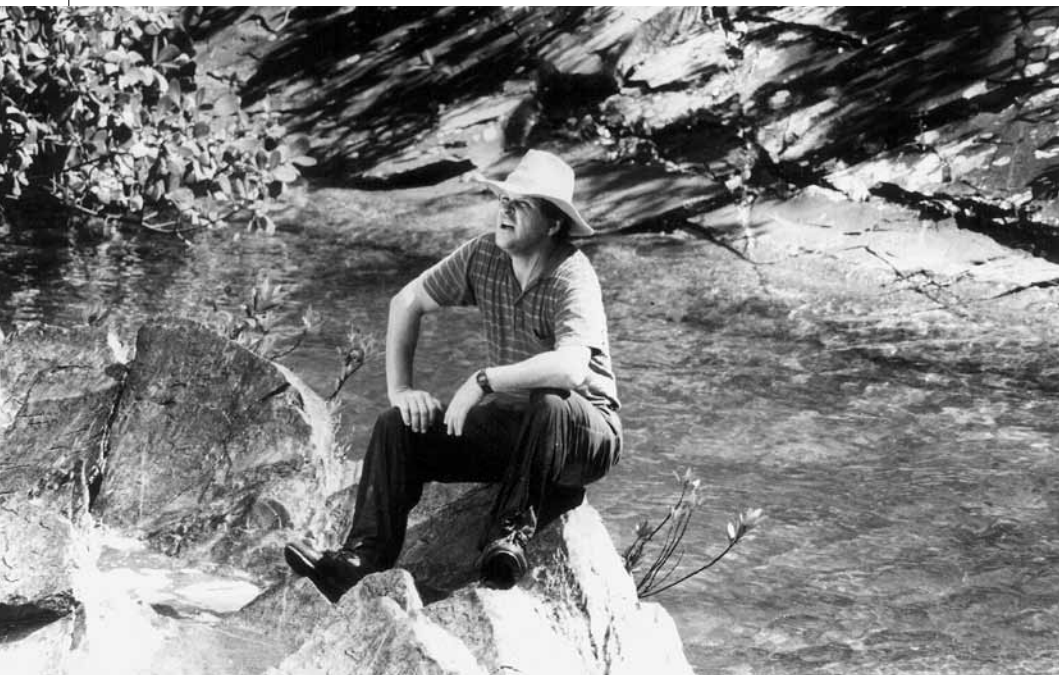
“O Virgílio foi sempre para nós alguém que nos ajudou a dar passos em todos os aspectos de nossas vidas”, lembra Arlete. “Era alguém que amava a vida e, assim como tinha acontecido a ele, desejava que pudéssemos reconhecer e amar a Cristo”.

“Quanto mais eu ando mais vejo estrada, mas se não caminho eu não sou nada”

(Geraldo Vandré)

Tudo o que lhe havia acontecido precisava ser comunicado. Uma das modalidades para isso era a responsabilidade por Comunhão e Libertação no Brasil, que o fazia “rodar como um pião” pelo País, como ele mesmo dizia. Virgílio sabia que a amizade é uma responsabilidade. E, por isso, ou se alarga ou não é verdadeira.

“Virgílio muitas vezes vinha a São Paulo para ajudar no caminho da comunidade, mas muitas vezes para ser um amigo”, conta padre Vando, responsável pela comunidade de São Paulo. “E vinha para estar conosco e ajudar a dar um juízo sobre aquilo que acontecia em São Paulo, sem distinguir as duas coisas, fazendo as duas coisas”. O método que seguia era o humanamente mais justo e correto, que ele aprendeu com



padre Giussani: envolver-se com alguns para chegar a todos. O segundo método era a concretude da vida. Encontrava as comunidades sempre a partir de coisas concretas, problemas, questões que fossem fruto da experiência das pessoas.

“A responsabilidade é a maneira como se vive a comunhão”, escreve Virgílio numa carta. No documento “O método da comunidade”, que ajudou a redigir em fevereiro de 1985, explicava que “a tentação da gente é o espontaneísmo, como se a comunidade brotasse do coração da gente, ou do ‘meio’ ou de uma reação diante de uma determinada situação. Jesus Cristo ensinou aos seus discípulos como fazer para viver a comunidade. [...] O método foi a companhia com a própria pessoa dele”.

Padre João Carlos, responsável pelo Movimento em Salvador, conta que Virgílio os visitava desde o início da comunidade, em 1989, e a última visita foi ainda em maio de 2002: “Especialmente nos primeiros anos, quando éramos quatro gatos pingados, a presença de Virgílio dava a dimensão do Movimento na sua totalidade”. “Ele captava a situação em que estávamos vivendo”, continua, “sempre valorizou a ‘baianidade’, esta maneira alegre, entusiasmada e festiva de viver, mas sempre nos conduzindo a um passo maior. O que impressionava a todos nele era a simplicidade”.



Padre Virgílio com os amigos Sergio Faccioli e padre João Carlos Petrini, 2001. Na página ao lado, padre Virgílio, 1994.

“Sou padre para a missão”, anota Virgílio, “não para a ação, não para a organização, mas apenas para a dilatação do que encontrei. Fora da missão sou menos teu, ó Deus”. Ele era uma pessoa tímida, seu tipo de personalidade era o de uma pessoa que gostava de ficar no seu canto. Ele se movimentava exatamente em função do Movimento, da responsabilidade, que para ele não era uma função. Numa carta de 1985, Virgílio escrevia: “Ir a fundo no Mistério dá uma compreensão diversa de tudo, a ponto de não mais se considerar serviço o que se faz pela Igreja, mas expressão existencial da pessoa”.

Luciano, de Florianópolis, conta que, numa das primeiras visitas à comunidade, Virgílio quis saber tudo da cidade: “Estávamos conversando e, a certo ponto, ele começou a contar coisas da nossa história que nem nós sabíamos: ele tinha lido sobre a nossa região antes de ir para lá. Tinha uma curiosidade e um interesse que chamavam a atenção de todos”. Quando Gilberto, de Salvador, começou a visitar, a pedido de Virgílio, a comunidade baiana de Vitória da Conquista, impressionava-se com aquele homem que, mesmo distante fisicamente, preocupava-se com todas as realidades do Movimento no Brasil: “Quando eu o encontrava, ele se lembrava de toda a situação da comunidade, das pessoas, dos

problemas, e ia quase repassando comigo passo a passo a história daquela comunidade. E dali, então, surgiam as indicações”.

Ele muitas vezes viajava milhares de quilômetros para encontrar apenas uma pessoa. Márcia, que foi secretária de Virgílio durante cerca de três anos, observa: “O Virgílio não tinha dia nem hora, era toda a vida ocupada para correr o Brasil. Além de cuidar do Movimento, não descuidava da Igreja local, da obediência ao bispo, das paróquias, do seminário, da Serra”. “Eu sempre ligava para as comunidades”, conta, “avisando o dia e a hora em que ele ia chegar. Uma vez ele me disse que uma das coisas bonitas em suas andanças pelo Brasil era sempre encontrar um rosto que o esperava no aeroporto. Era a beleza da companhia: em qualquer lugar, sempre tinha alguém esperando”.

O lugar em que Virgílio talvez fosse mais esperado era Brasília. Desde o nascimento, em 1982, a comunidade esteve ligada a ele e aos amigos de Belo Horizonte. Virgílio ia à cidade quase todos os meses, pregava os retiros de Páscoa e Natal, convidava a comunidade inteira para os acampamentos de Carnaval em Minas. Em 1994, Edimar, de 16 anos, aluno da professora Sêmea na cidade-satélite de Samambaia, foi assassinado pelo chefe de seu bando, quando se recusou a continuar cometendo os crimes que haviam marcado sua juventude. O garoto, depois de encontrar a comunidade de CL, reconheceu uma experiência que valia a pena ser afirmada até as últimas conseqüências: as seis balas da arma que seu “protetor” descarregou sobre ele. Virgílio, assim que soube do ocorrido, foi passar alguns dias em Brasília, para confortar os amigos. Celebrou a missa de sétimo dia e gastou quase todo o tempo com os jovens colegiais de Samambaia, tentando apaziguar um pouco o ânimo dos meninos, que queriam revidar a morte do amigo. Quando, alguns meses depois, em 1995, Alex também foi assassinado, Virgílio pediu a Sêmea que convidasse toda a família do garoto para os dias de férias dos colegiais.

A doença de Virgílio só fez aumentar a proximidade. Quando teve de parar de visitar as várias comunidades pelo Brasil, quis continuar a ir pelo menos a Brasília, todos os meses, o que fez até maio de 2002. E pediu que continuassem a lhe contar tudo o que acontecia, por telefone e, se possível, diariamente. “Ele nos ensinou a não parar no preconceito e no moralismo”, observa Sêmea. “Olhar para a pessoa dele foi aprender essas coisas”.

“Nestes dias”, escrevia Virgílio num de seus primeiros anos no Brasil, “em que estou correndo como nunca, a ponto de ter náuseas da moto que me leva de um lado para o outro da cidade, o que dá sentido aos meus dias é a entrega que faço de mim na eucaristia e repetir sem parar, enquanto dirijo a moto, o Memorare e a minha consagração a ‘Nossa Senhora de Corzano Aparecida’, com a vontade decidida de dar-me todo e de confiar ao Senhor e a Nossa Senhora as penúrias, os encontros, as situações”.

A grandeza é a normalidade da vida

“Nossa Senhora de Corzano, Aparecida, eu me consagro a você.

Mãe dos virgens, lhe consagro toda a minha pessoa: entrego-a a Seu Filho e aos seus filhos.

Mãe da comunhão, lhe consagro a minha sede de comunhão e o pecado que a atrapalha.

Maria de Nazaré, lhe consagro os meus dias, que eles sejam transparentes à presença de seu Filho e cheios de êxito pela construção do Reino.

Nossa Senhora do povo, construa o povo cristão, para que seja sinal do Amor de Deus e novidade de vida para o homem. Peça misericórdia e paz para todos. Amém”

Virgílio compôs essa oração para refazer sempre a consagração a Nossa Senhora, dirigindo-se em especial devoção à Madonna de Corzano, padroeira do santuário da montanha aos pés da qual nasceu. A Mãe dos virgens obteve para sua sede de comunhão um espaço particular, gerado em meados da década de 1980.

A Fraternidade dos Padres nasceu da amizade entre alguns dos sacerdotes de CL, em resposta ao “desejo de algo que sustentasse a vida e a vocação”, como explica dom Filippo Santoro, bispo desde 1996, que conheceu Virgílio logo que chegou ao Brasil, em 1984. “O primeiro impacto foi o que ficou até os últimos dias: eu via naquele homem uma acolhida leal, cordial, sem nenhuma reserva, sem nenhuma restrição. O motivo da estima era perceber que ele dava a vida pela mesma coisa pela qual eu dou a minha vida”, lembra dom Filippo. Carras, responsável internacional de CL, que vive em Roma,

Encontro da Fraternidade dos Padres em 1998.



reconhece na amizade entre Virgílio e Filippo um “exemplo de comunhão e liberdade. A amizade entre eles foi fundamental para a unidade de todos os padres da América do Sul”. De fato, enquanto Virgílio assumia em 1987 a responsabilidade nacional de



Padre Virgílio com Carras em Manaus, 1999.

CL, Filippo empregava suas energias para a construção do Movimento na América Latina. Acolhendo a proposta de companhia de Filippo e Virgílio, os padres dos vários países começaram a se reunir em retiro duas vezes por ano, e muitos deles a participar de um momento de férias comuns anualmente. Mas a novidade de vida aconteceu sobretudo no cotidiano.

“Nós, padres diocesanos”, observa Marcos, de Belo Horizonte, “somos muito sozinhos. E o Virgílio sempre nos dizia que isso era muito perigoso para a vocação. Era preciso procurar a companhia de outros padres, mesmo que você trabalhasse sozinho”. “Às vezes”, acrescenta

Marcilon, “o padre enfrenta desafios maiores do que teria capacidade. Os encontros com o Virgílio eram realmente uma retomada das razões mais profundas da nossa missão, da nossa presença”. Como acontece em outras comunidades de CL no Brasil, todas as segundas-feiras os padres de Belo Horizonte se reúnem. Encontram-se no domingo à noite na Serra da Piedade, depois das missas, jantam juntos, jogam baralho, vêem um filme; na segunda-feira, trabalham juntos um texto de padre Giussani, celebram a missa, almoçam e continuam juntos à tarde, com nova rodada de baralho e filmes. Marcos conta que “essa foi uma das primeiras experiências na arquidiocese de Belo Horizonte de padres que se encontram regularmente. E não só se encontram para almoçar, bater um papo e ir embora: encontram-se para se ajudar na vocação, no dia-a-dia”.

“Acho que sustentar o caminho dos padres, aqui em São Paulo, foi sempre a característica mais forte do caminho do Virgílio”, observa Vando. “Era uma amizade cheia de vida, não de coisas grandes e espetaculares. A grandeza era essa normalidade de vida, a vida cheia de significados, de rostos e de coisas bonitas que nos levava a fazer coisas grandes”.

João Carlos, de Salvador, lembra que, quando se via esgotado, pedia para passar na Serra da Piedade quatro ou cinco dias com Virgílio, depois dos encontros nacionais da Fraternidade dos Padres. “Mesmo estando sobrecarregado”, lembra, “Virgílio não me pedia que rezasse missas ou fizesse outras coisas. Eventualmente, até pedia a outros que o fizessem por ele, para ter mais tempo para ficar comigo. Era muito impressionante essa capacidade de hospedar pessoas, no sentido forte da palavra: acolhê-las no seu mundo de afetos, de amizade e de trabalho”.

Dentro da terra

Uma extraordinária capacidade de hospedar pessoas e sua cultura. Virgílio fazia questão de aprender os detalhes da língua, dos costumes, dos gostos, do jeito, da cultura do povo brasileiro. Prestava atenção nas preferências pessoais, valorizando desde a comida e a bebida até a capacidade profissional e de trabalho. “Ele ia ao encontro das pessoas naquilo que elas tinham de mais caro para si mesmas”, lembra Elenice, “e, a partir disso, anunciava a pessoa de Cristo”. Susie observa que “ele era mais brasileiro do que eu, mais mineiro do que nossos amigos mineiros, porque era profundamente homem. Ele adentrou nossa cultura re-significando o conteúdo que ia se esvaindo dela”. Em Virgílio havia uma inclinação incansável e inteligente a conhecer e valorizar o povo brasileiro, sem nunca desconhecer a própria cultura de origem e pôr de lado o motivo último de sua presença no Brasil: o anúncio da Salvação trazida por Jesus Cristo. Ele possuía um interesse especial por autores brasileiros de música e literatura, cristãos e não cristãos: “O olhar dele era sempre um diálogo com o autor, não uma sacralização do que ele estava lendo. Era um diálogo em que o que o autor dizia interessava quando tinha a ver com a vida”, observa Otoney, de Salvador. “Uma vez

Encenação da peça Miguel Mañara, na Serra da Piedade, durante o retiro de Páscoa de 1999.



ele viu uma frase num pára-choque de caminhão”, conta Márcia, “que dizia: ‘Vivo todo arranhado, mas não largo a minha gata’. Ele então desenvolveu todo o retiro de Natal a partir dessa frase. Falou da companhia. Todos em Belo Horizonte se lembram disso”.

Em Moeda, Virgílio incentivava os grupos de reisado, congado, as bandas de música. Padre Marcos conta que nos tempos do seminário, quando era pouco mais que um adolescente, só ouvia músicas estrangeiras: “Foi por causa do Virgílio que aprendemos a gostar, por exemplo, de samba, de música popular brasileira. E – como é a tônica do Movimento – Virgílio relacionava o sentido da música com aquilo que estávamos vivendo”. Depois do encontro com Fernando Brant na primeira edição da Alvorada da Liberdade, perguntaram ao compositor, numa entrevista no rádio, o significado de uma de suas músicas, e ele respondeu imediatamente: “É melhor você perguntar ao padre Virgílio. Ele sabe explicar melhor do que eu”...

Quando a professora Mônica, de São Paulo, acompanhou um grupo de amigos americanos a uma exposição de arte brasileira em Nova York, na época em que morou nos Estados Unidos, não pôde se esquivar do bombardeio de perguntas diante do enorme altar de uma igreja barroca baiana: “Comecei a falar, e absolutamente tudo o que me vinha na cabeça era o que o Virgílio nos ensinava quando íamos em férias para Minas ou Salvador. Percebi que, a despeito de todo o estudo sobre a arte e literatura brasileira que fiz na faculdade, aquilo que mais explicava esse fenômeno humano da nossa cultura era o que o Virgílio observava, tendo como ponto de partida a experiência da carnalidade frisada na Contra-Reforma, presente no nosso barroco, em resposta à abstração gerada pela Reforma protestante. Daí a gente ‘sentir’ o que se via naquelas paredes e tetos das igrejas e nas imagens sofridas das estátuas”.

O relato de Ana Maria, da cidade mineira de Nova Lima, sobre os encontros semanais que aconteciam na Serra da Piedade em torno de Virgílio e frei Rosário desde 1994 dão uma idéia do horizonte cultural que se abraçava. Com políticos, intelectuais, artistas e tantos amigos da Serra “falava-se da vida de alguns santos; falava-se sobre escritos de Dostoiévski ou de Malraux; de como a Idade Média foi rica e produziu um desenvolvimento nas ciências e no pensamento filosófico; falava-se da história política do Brasil e do mundo; às vezes, de assuntos clericais que envolviam um contexto histórico e argumentos conceituais, que, de tal profundidade, se tornavam interessantes para os jovens que giravam em torno dele. Falava-se de gente do povo e de como a miscigenação no Brasil gerou um povo interessante e de cultura rica e diversa. E, naturalmente, falava-se dos vinhos e da origem dos melhores”.

A paixão por todos os aspectos da cultura se combinava a um “carinho extraordinário pela natureza”, como lembra Geraldo, jornalista de Belo Horizonte. Daí, era inevitável que uma e outra coisa se mesclassem na sua trajetória de encontros. No início da



Acampamento de carnaval da comunidade mineira.

década de 1990, acampados no mesmo local em que a comunidade mineira fazia as férias de Carnaval, que se tornaram uma tradição desde os tempos de Virgílio em Primeiro de Maio, os irmãos músicos Ernane, Tatá e Marco Aurélio conheceram CL. Eles, que já formavam uma banda, recomeçaram a carreira atrás da intuição musical de Virgílio, representada no seu disco mais recente, *Paixão e fé* nas canções brasileiras, composto por músicas da tradição oral religiosa e canções dedicadas a Nossa Senhora, garimpadas com Virgílio nos rincões de Minas. No mesmo Pico da Bandeira, em 1991, aconteceria o encontro com o violeiro Chico Lobo: “Tinha uma turma acampada nos melhores lugares, e a gente foi conhecendo essa turma, e todo mundo dizendo: ‘Vai chegar’ um tal de padre Virgílio, ‘vai chegar’. Ele chegou à noite e, numa grande lona com um lampião, foi celebrar a missa”. Havia dez anos afastado da Igreja, conta Chico, “fui na minha barraca, peguei a minha viola e cheguei pra ele e disse: ‘Ô, seu padre, eu posso acompanhar ‘ocês’ na missa com a minha viola?’. E ele abriu aquele sorriso que todo mundo conhece, de orelha a orelha, e me abraçou”. Desde então, Chico gravou mais cinco CDs, pelos quais considera Virgílio “totalmente responsável”.

Virgílio era um apaixonado por todo o humano, por isso também pelo esporte. Quando jovem, ainda na Itália, torcia por um time de Belo Horizonte que conheceu colecionando figurinhas de jogadores. Ao chegar no Brasil, foi logo procurar a sede desse clube e descobriu que ele já não existia mais. Adotou, então, o Atlético Mineiro, do qual se tornou torcedor doente, “para ter mais um motivo para me relacionar com as pessoas”, disse uma vez a Mônica Baeta. Na Itália, torcia pelo Milan, porque todos eram pela Juventus ou pela Inter, e ele não queria se confundir com a ideologia dominante...

A mendicância de Virgílio pelo sustento das obras e sua multiplicação se estendiam ao campo editorial, à publicação e difusão no Brasil das obras de Luigi Giussani e da revista oficial do Movimento, *Passos Litterae Communionis*. Marco de São Paulo, que, entre outros, compartilhava com Virgílio a responsabilidade pelo Movimento, sublinha as razões do amigo: “Ele não o fazia porque amasse particularmente a revista, ou porque tivesse uma queda pelo trabalho editorial. Amava esses instrumentos como os principais instrumentos missionários da experiência da novidade humana que vivia”. Foi também Virgílio quem se responsabilizou, desde a década de 1990, pela fidelidade das traduções de textos de Giussani, acompanhando as revisões cuidadosas e – muito mais freqüentemente – revisando ele mesmo. De fato, com os anos se tornara um profundo conhecedor da língua portuguesa.

No dia 15 de agosto de 2000, festa da Assunção de Nossa Senhora, o poeta Bruno Tolentino saía no meio de uma missa, irritado, entre outras coisas, com a homilia “sobre a dívida externa”. Tomou um táxi rumo ao bairro paulistano de Perdizes, para tentar assistir à missa na paróquia da PUC. Meses antes, recebera um convite do arcebispo de São Paulo, hoje cardeal, dom Cláudio Hummes, para participar do Núcleo Fé e Cultura, que dom Cláudio confiara à responsabilidade do pároco daquela igreja. Talvez tenham sido aqueles primeiros contatos que o levaram a bater à casa paroquial, para encontrar o padre Vando. Mas Vando recebia outra visita naquele dia. Bruno começou uma longa conversa com Virgílio, que conhecia muito bem a sua obra e, para seu espanto, reconhecera, no livro *As horas de Katharina* – vencedor do prêmio Jabuti de 1995 –, uma obra cristã. “Fiquei pasmo”, lembra Bruno, “pois até ali ninguém na Igreja me havia dito isso, mesmo eu o tendo publicado como minha contribuição para a década da evangelização proposta pela Igreja”. “Eu ouvira, frustrado”, continua, “dizerem que aquele era um livro de problemas freudianos, sobre um caso de patologia feminina. E então encontro o Virgílio, fazendo uma leitura tão correta do livro, reconhecendo o drama que existe nele”.

Começava aí uma grande amizade. “Era um homem de alta cultura”, observa Tolentino, “de cultura variada e não óbvia. Estava sempre bem informado sobre a literatura, a filosofia, sobre o pensamento dentro da Igreja e do que se falava dela”. E ainda: “Na pessoa do Virgílio encontrei realmente uma pessoa de Deus, com quem podia ter um convívio intelectual. Não uma conversa intelectual, pois isso se pode ter com muita gente, mas um convívio intelectual baseado na mesma cosmovisão. Eu nunca tinha tido isso no Brasil com ninguém”. “Era o convívio de que eu estava necessitado havia muito tempo. Para mim a reaproximação com a Igreja aqui no Brasil se deu por meio dele”, afirma o poeta, que, a convite de Virgílio, foi morar com o amigo, meses depois, na Serra da Piedade.



Padre Virgílio na Serra da Piedade, 1997.

Pároco de Nossa Senhora

“Gostaria de ser uma montanha de silêncio diante de Ti”, anotara certa vez Virgílio. “Uma montanha de silêncio e uma montanha silenciosa. A montanha é paz, mesmo na dor. A montanha é paz mesmo entre a ventania e os raios. Mesmo com os pedaços que se separam porque não são mais montanha. Obrigado por essa paz dolorosa que me dás”.

A montanha que abriga o mais importante santuário mariano de Minas Gerais fica no município de Caeté, a 57 quilômetros de Belo Horizonte. A Serra da Piedade recebe romeiros de todo o Estado, sobretudo da periferia de Belo Horizonte e de municípios próximos, pertencentes também a outras dioceses, como as de Itabira, Sete Lagoas e Mariana. Suas origens remontam à década de 1760, quando o português Antônio da Silva Bracarena decidiu trabalhar para facilitar o acesso à região em que se dera, segundo lhe testemunhavam os romeiros, já então numerosos, uma aparição de Nossa Senhora da Piedade. O mesmo Bracarena daria início à construção da primeira capela dedicada à Virgem, que escolhera aparecer naquele local.

Frei Rosário Joffily, dominicano, reitor do santuário desde 1949, pediu ao arcebispo de Belo Horizonte, em 1989, que Virgílio dividisse seu tempo entre o seminário e a Serra. Aos poucos, frei Rosário introduziu Virgílio no espírito da Serra e o apresentou como seu sucessor. O primeiro passo para isso foi dado em 1º de janeiro de 1992, quando, instalada a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, no alto da Serra, Virgílio a assumiu como primeiro pároco, depois de mais de um ano de convivência com o dominicano.



Padre Virgílio com frei Rosário (esq.) e padre Douglas na Serra da Piedade, 1993.

“Queremos, com frei Rosário, continuar esta obra imensa”, escrevia Virgílio no Livro de Tombo da Serra, onde se registram as passagens mais importantes da vida do santuário, “mesmo que as nossas pessoas sejam tão desproporcionais, comparadas com a pessoa, os horizontes, a cultura e a ‘dimensão’ dele”. Virgílio falava em “nossas pessoas”, pois, de fato, desde o início compartilhou essa responsabilidade com alguns amigos da Fraternidade dos Padres: o padre Marcos Antônio Gomes e o diácono José Marcilon da Silva – que seria ordenado em maio de 1992. Com o tempo, outros padres e seminaristas iriam se juntar à “Comunidade Sacerdotal Missionária” da Serra: Cássio, Nivaldo, Fernando Estêvão, Douglas Arão, Tom, José Emídio, Gilberto (o Giba, que faleceu em 1998, de ataque cardíaco). Era necessária mesmo muita ajuda. Além das atividades cotidianas do santuário, com suas missas, confissões e atendimento aos romeiros, os padres se desdobravam para assistir as comunidades de municípios vizinhos que pertenciam à jurisdição da paróquia: Asilo São Luiz, Penha, Quintas da Serra, São Sebastião (em Nova União), Posse, Muniz, Fazenda da Cachoeira, Matriz do Brisuceno, Morro Vermelho, Taquaiapu de Minas. Virgílio era também pároco de Nossa Senhora do Bonsucesso, em Caeté. Aumentava, ainda, a cada ano, o número de encontros sediados na Serra: de 24, em 1992, passaram a 30, em 1993, e a 35 em 1994. “Frei Rosário tornou a Serra ponto de referência para amigos provindos do mundo intelectual, político, cultural, artístico, profissional, que podem assim ter um lugar onde ser ajudados a fazer aquela unidade entre fé e cultura tão necessária para o espalhar-se do Reino de Deus”, escrevia Virgílio no Livro de Tombo. Em 1998, Virgílio deixou o seminário e foi morar na Serra, para, a pedido de dom Serafim, dinamizar cada vez mais o santuário.

Virgílio e a comunidade sacerdotal continuaram obras e reformas iniciadas por frei Rosário, como a da Casa dos Romeiros, que aloja participantes de encontros que exigem o pernoite na Serra, a biblioteca de Teologia Mística, antigo desejo do frei, e, principalmente, a nova e mais ampla igreja dos Romeiros. Virgílio recheou o Livro de Tombo de descrições detalhadas das obras. A atenção em transcrever os detalhes era reflexo de uma preocupação com os pormenores de uma vida em que tudo era ordenado em função do encontro com Cristo. Ele escreve, por exemplo, em meados de 1998, depois da inauguração da nova imagem de Nossa Senhora da Piedade: “Foi colocada sobre uma base de concreto ‘ciclóptico’ inclinada em direção do altar, para retomar as linhas arquitetônicas. E é bonito pensar também simbolicamente no gesto de entrega que Nossa Senhora fez do Corpo de seu Filho, ao centro”. Em julho de 1999: “Preparamos dois confessionários em madeira para assinalar, também como visual, o ajoelhar-se diante de Deus para o perdão”. Ou, no final de 2001, depois da instalação de bancos para mais 400 pessoas na igreja nova: “É importante que os romeiros, que sobem a pé sobretudo, possam encontrar um local adequado para descanso”.

A mesma preocupação se revela no trabalho pastoral e no reavivamento das tradições culturais e religiosas das comunidades ligadas ao santuário. “Para a capela de São Francisco, em Quintas da Serra, foi adquirido um sacrário e agora o Santíssimo Sacramento é companhia grande e silenciosa no dia-a-dia desse povo”. “Lá”, continua, “existe uma associação de artesãos com capela própria. Teríamos gostado de uma inserção deles na vida da comunidade, coisa que parece bastante problemática, pelo método de vida de fé bastante rígido que eles têm. A solução que encaminhei ao senhor bispo auxiliar dom Werner foi que ele nomeasse um assistente espiritual responsável pela Associação. Desta forma, me parece que evitam-se perda de tempo e achatamento de todas as experiências e valoriza-se o método e a presença deles”. Virgílio determina em 1998 que a grande festa de São João passe a acontecer em 23 de junho, “para continuar a tradição de pessoas que à meia-noite pisam nas brasas”. Ao explicar a comemoração de Nossa Senhora da Piedade no mesmo dia da festa de Nossa Senhora das Dores, 15 de setembro, Virgílio deixa este comentário no Livro de Tombo: “Talvez os liturgistas não dêem muita importância à tradição barroca de distinguir os três momentos ‘dolorosos’ da Santa mãe de Deus: Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Soledade. [...] A história é feita de coisas que sempre se repetem, porque o que se repete é sempre a misericórdia de Deus para com o homem. Tantos sacrifícios de pessoas, tantos sofrimentos, tantas histórias de um heroísmo cotidiano que testemunha como a cruz está fincada no coração deste povo, dando valor a tudo. Isto nós o testemunhamos cotidianamente no alto desta Serra”.



Da direita para a esquerda, padre Virgílio com os amigos políticos Marco Maciel, Martus Tavares e Virgílio Guimarães, em Brasília, 2001.

Padre Marcilon, que participava desse testemunho cotidiano, aos poucos compreendeu a escolha de frei Rosário: “Ele viu que o Virgílio, da mesma forma que tinha uma palavra para o intelectual, tinha uma para o romeiro mais simples. Virgílio tinha essa capacidade de juntar a todos por uma amizade, dom especial de Deus”. “Nos anos em que esteve lá”, observa padre João Carlos, “cresceu o número de romeiros. Virgílio deu uma certa linha ao trabalho, que

ia revitalizando uma antiga tradição de peregrinação ao santuário. As preocupações burocráticas, administrativas nunca tiraram dele a clareza do que a Serra representa”. Um verdadeiro lugar de encontro com o Mistério de Deus, jamais um ponto turístico.

A Serra foi também para Virgílio uma oportunidade para ampliar e facilitar o encontro com personalidades do mundo da política dos mais diversos partidos e tendências. A questão, para ele, nunca partia da ideologia. Encontrava a todos, a partir da exigência humana que todos têm de um significado verdadeiro para a vida. Era isso que fascinava tantos homens políticos que o encontravam, porque encontravam não tanto um representante institucional da Igreja, mas um homem capaz de acolhê-los por aquilo que eram, fazendo-os ver as necessidades humanas comuns. Foi assim a amizade com Marco Maciel, na época vice-presidente da República.

No Livro de Tombo escreveu que, “quando frei Rosário conheceu o Movimento, apaixonou-se ‘porque Giussani entendeu o ponto decisivo: a centralidade do Mistério de Cristo’, como gostava de repetir”. Dom Filippo Santoro testemunhou essa sintonia entre os dois: “Algumas vezes eu ia falar com Virgílio e frei Rosário e, sem rodeios, imediatamente a gente entrava no centro da questão: o que dá sentido a tudo isso é a pessoa de Cristo”. “Não era um jogo literário, um jogo teológico ou cultural, mas um amor que, a partir da pessoa de Cristo, se interessa por tudo e oferece uma contribuição também para a vida da sociedade em Minas, no Brasil”. É mais que compreensível, assim, a imensa dor de Virgílio com a morte do dominicano. O Livro de Tombo traz o relato dos últimos dias do frei pelo próprio punho de Virgílio, com uma grande riqueza de detalhes: “Aos 5 de agosto de 2000, no final da tarde, frei Rosário Joffily tropeçou no degrau ao descer da cozinha para ir a seu quarto. Bateu a cabeça. [...] A queda provocou

uma fratura craniana. [...] [No hospital] foi feita uma escala de acompanhamento por muitos amigos que não o deixaram só nem de dia nem de noite. Comovente solidariedade, amizade e gratidão. A complicação apareceu depois de uns dias, com uma pneumonia. [...] Na quinta-feira, dia 17 de agosto, à noite, enquanto o padre José Emídio de Souza estava no seu turno de acompanhamento, frei Rosário sofreu uma parada respiratória. Padre Emídio ministrou a unção dos enfermos antes do frei Rosário ser levado de volta à UTI". Frei Rosário faleceu às 6h40 da tarde do dia 25 de agosto de 2000, dia de São Luís da França e São José de Calasanz.

"Durante o velório e as missas, centenas e centenas de pessoas passaram na Serra para homenagear o frei e para rezar", escreve Virgílio. "Conforme o seu pedido, o caixão foi levado até o cemitério da Penha, comunidade no pé da Serra, 'cemitério dos pobres' e lugar onde Nossa Senhora apareceu para pedir a construção da capela do Alto da Serra em meados do século XVIII. Volta à casa do Pai esta extraordinária testemunha de Jesus Cristo. Por meio dele muitos encontraram a Cristo, especialmente multidões de romeiros e inúmeros da elite política, intelectual, canônica e militar do país".

Virgílio é apresentado por dom Serafim como sucessor de frei Rosário, com a colaboração de padre Douglas Jorge Arão. No Livro de Tombo anota: "Quero dedicar o resto da minha vida a Nossa Senhora da Piedade e à sua montanha". Para que esse desejo pudesse se tornar realidade, era preciso deixar de pertencer à diocese de Cesena, na Itália, e ligar-se à de Belo Horizonte: a incardinação acontece em 15 de janeiro de 2001, quando o bispo de Cesena, dom Lino Garavaglia, assina o decreto de excardinação de Virgílio. O Livro de Tombo traz junto ao registro do fato: "Rezo para que esta entrega definitiva seja para o bem da Igreja e a glória humana de Jesus Cristo".

De Bruno Tolentino, seu novo companheiro, Virgílio anota no Livro de Tombo: "Grande poeta, convertido, devoto da Santa Mãe de Deus. Que Nossa Senhora da Piedade lhe dê bênçãos e saúde para que possa contribuir na forma que lhe é peculiar com a construção do reino de Deus no mundo literário". Bruno, por sua vez, relata do amigo: "Não havia no Virgílio um recluso, um eremita. Havia, sim, essa dimensão de valorizar a solidão, o silêncio, a distância do meramente mundano, sem de modo algum se dissociar dele. Uma distância que é uma distância interior. Aquele era o ora et labora do Virgílio. Para isso é preciso uma vocação muito especial, de uma pessoa que tem uma dimensão interior tão profunda e tão rica que não só cabe perfeitamente nos ermos, mas, de certo modo, cria aquela ermida, porque a leva dentro de si. Há aquele silêncio, aquela grandiosidade do silêncio circunjacente, correspondendo, agravando e ao mesmo tempo ecoando essa condição interior. Era só assim que o Virgílio podia funcionar plenamente até o final da sua tarefa neste mundo. Tudo encaminhava o Virgílio para aquela altura".

“Amarra teu arado a uma estrela”

(Gilberto Gil)

Valorizar “a distância do meramente mundano, sem de modo algum se dissociar dele”. São palavras que de algum modo descrevem também uma nova experiência de consagração que nasceu ligada ao santuário e ao movimento de Comunhão e Libertação em 1994: a Fraternidade São José. Dom Filippo Santoro explica que “a São José nasceu do entusiasmo de padre Virgilio pela sua própria vocação. Uma pessoa entusiasmada por sua vocação pensa em como valorizar e fazer amadurecer a vocação dos outros”.

O próprio Virgilio define a experiência no Livro de Tombo da Serra: “É uma forma diferente de consagração: continuam vivendo em suas casas e trabalhando; se consagram a Deus no voto da castidade e têm na vida da Fraternidade seu ponto de referência cotidiano. O Santuário, como ponto de referência geográfico, põe Nossa Senhora da Piedade como padroeira e companheira do ‘sim’ cotidiano. Duas vezes por ano, na proximidade da festa da Anunciação e da memória litúrgica de Nossa Senhora das Dores, sobem a Serra para os momentos comuns”.

Virgilio introduzia assim o primeiro retiro da Fraternidade São José, em setembro de 1994, do qual participaram 11 pessoas de várias partes do país: “É com temor e tremor que se iniciam as coisas novas, para que sejam em conformidade com a vontade do Senhor”. E a São José começava seu caminho, sob o olhar companheiro de padre Giussani, na Itália, onde a mesma experiência nova de consagração dava também seus primeiros passos. Padre Vando comenta a beleza dessa forma de consagração “no cotidiano do mundo de hoje, de uma maneira totalmente lançada a testemunhar Cristo,

Padre Virgilio, 1994.



numa situação aparentemente muito mais desprotegida, por assim dizer. Como leigos, vivem sozinhos ou com outra pessoa, não têm uma rotina como a dos padres que os sustenta. É realmente a liberdade deles e a graça de Deus que os sustenta. Por isso, um testemunho dentro desse contexto é muito mais dramático, mas ao mesmo tempo uma graça total que Deus dá à Igreja e às pessoas que os encontram”.

“O Virgílio me ajudou”, continua Vando, “me fazendo perceber como isso poderia ser importante também para mim, na minha vocação como padre”. Márcia, entre aqueles 11 primeiros, que hoje já se multiplicaram, observa como “Virgílio, desde o primeiro dia, foi um pai”: “Um dia, na véspera de um de nossos retiros, quando ele já estava muito doente, Carlinhos, dos Memores Domini, que também nos acompanha e havia passado a noite com ele, disse ao Virgílio que nos encontraria no dia seguinte. Ele, então, mandou nos dizer que toda aquela dor que estava passando, ele a oferecia também para nós da São José. E disse os nossos nomes, um por um. Não era genérica a atenção dele, era pessoal, era por cada um”.

A oferta

O câncer de Virgílio foi diagnosticado em 2001. Os primeiros a saberem da doença foram Bruno, Marquinhos, o amigo com quem Virgílio compartilhava tudo na comunidade de Belo Horizonte, e padre Douglas, que dividia a responsabilidade da Serra. “Carregamos aquilo durante várias semanas sozinhos”, conta Bruno. Os outros amigos só vieram a saber na semana em que Virgílio foi internado para uma primeira cirurgia. “Depois de um momento em que Virgílio ficou chocado, imediatamente, a partir da oração, amadureceu a disponibilidade a uma entrega total”, lembra dom Filippo. A carta que Virgílio lhe escreveu em 4 de dezembro foi “como colocar sua vida nas mãos do Senhor, concretamente, por meio do sinal que, como amizade e como história, eu era para ele”.

Dizia Virgílio em sua carta: “Eu esperava poder ir sexta-feira à missa do Cláudio [um dos responsáveis pelo Movimento no Rio de Janeiro, que falecera em 29 de novembro, em consequência de uma doença fulminante], mas não consigo por causa da preparação para a cirurgia. Estou rezando pela família do Cláudio e pela comunidade do Rio, com a certeza de que nada é em vão. Estou aqui, preparando-me para terça-feira, 11 de dezembro. Faz anos que todos os dias ofereço a minha vida ao Senhor, seja o que for que isso queira dizer, ‘em troca’ (que pretensão!) da fidelidade à minha vocação e da dos padres meus amigos do Movimento. Repito: que pretensão! Durante anos reconheci que o Senhor tomava a minha vida me fazendo rodar como um pião pelo Movimento. Agora, talvez, esteja pedindo uma outra coisa. Eu esperava que a qualquer momento

isso fosse acontecer. No início me custou muito aquele ‘seja o que for que isso queira dizer’, depois me veio uma liberdade assustadora que se vê mesmo que não é minha. Então, estes dias penso nisto: posso ficar curado, posso morrer, posso seguir em frente com uma doença nojenta e humilhante, mas estou contente, um pouco assustado, mas contente. Sobretudo assustado quando penso na minha mãe e em todas as pessoas a quem quero bem, mas contente! Contente e agradecido por poder viver a vida, toda a vida pela obra de um outro”.

Um amigo italiano, que, em visita à Serra em julho de 2002, ouviu do próprio Virgílio a leitura dessa carta, comenta como nela “transparecia a evidência de que a presença de dom Filippo era a Presença, onde Virgílio encontrava o rosto de Jesus”. Numa anotação de 1989, Virgílio escreve: “O Deus da história, o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó é realmente o meu Deus, o Deus da minha história, o Deus de Giussani, de Ricci, de Filippo, de Massimo... Dá-me a fidelidade até a morte, seja o que for que isso possa querer dizer, a esta história, e a esses rostos”.

O resultado da cirurgia de 11 de dezembro foi alentador para quem passou um “advento terrível”, conta Bruno: “Ele voltou para a Serra muito bem. Quando fomos buscar o resultado, uma semana depois, foi como se nos dessem um presente de Natal. O Natal e boa parte da Quaresma foram muito diferentes. A dramaticidade tinha sido suspensa. Não que aquilo nos enganasse de todo, mas em todo caso nos obrigou a viver a partir dali num clima de esperança”.

O poeta conta que os meses seguintes serviram para discutir tudo isso, esse drama da esperança, de que viver é Cristo e morrer é lucro, como diz São Paulo. “Esse foi o tema de debate o tempo todo. Os nove meses que passou na Serra foram muito importantes, pois era preciso resolver esse problema”, diz Bruno. Enquanto isso, outros amigos padres compartilhavam aquele tempo como uma caminhada de irmãos. Virgílio enfrentou a doença reconhecendo que a vida é de um Outro. Muitos anos antes, em 1985, as palavras

Padre Virgílio com dom Filippo em 2002 e à direita em encontro com padre Giussani e padre Ricci no Chile, 1987.



de Virgílio numa carta remetem a essa perspectiva: “Quando você se doa assim, é tomado como num ciclone, que o agarra, o leva da sua terra, de onde você tem suas raízes, que o puxa para fora de suas seguranças, de seus cálculos, do ‘seu’ futuro, e dilacera suas carnes, surra-o, joga-o pra cá e pra lá, mas o leva inexoravelmente aonde você deseja”.

O câncer reapareceu no final da quaresma de 2002. Começavam as sessões de radioterapia e outros tratamentos. Enfrentar a doença como provocação a perceber o Mistério não tirou de Virgílio em nenhum momento o desejo de que se fizesse o que fosse possível para manter sua vida. “O último período foi especialmente sofrido”, conta Benê, médico de Belo Horizonte, “porque ele não conseguia dormir por causa da coluna. Numa das últimas vezes em que o encontrei, ele havia começado um tratamento totalmente paliativo, mas me disse, contente: ‘Parece que o tratamento acertou, porque esta noite eu consegui dormir pelo menos umas três, quatro horas seguidas’...”. Virgílio se dedicou a todas as tentativas de cura, pondo-se nas mãos dos médicos em quem confiava: “E, como disse Marquinho, que o acompanhou, confiava não de uma forma meio idiota, mas porque percebia que aquelas pessoas estavam ali – como, antes, os políticos haviam estado com ele – por causa do relacionamento dele com Cristo. Aqueles médicos estavam ali dentro dessa mesma relação”. “Como ele tinha uma amizade especial com o Marquinho”, continua Benê, “queria que em tudo o Marquinho estivesse junto. Um dia precisou fazer uma drenagem de derrame pleural e fez questão de que o Marquinho entrasse com ele. Era como manter perto de si, também no tratamento, uma companhia em quem confiava. Isso tocou as pessoas, não só o Marquinho, mas todo mundo”. “Esta grande dor de Cristo, eu a devo compartilhar, de uma maneira ou de outra”, anotara Virgílio anos antes.

Depois da segunda cirurgia, em 8 de agosto, diversas complicações levariam Virgílio a seguidas internações no hospital. Assim, em 25 de agosto – data do falecimento de frei Rosário em 2000 –, ele desceu da Serra pela última vez, passando suas últimas semanas em Belo Horizonte. Na cidade, esteve principalmente sob os cuidados de Rosetta, a grande amiga desde os primeiros tempos no Brasil. “É difícil encontrar palavras ou coisas a dizer diante de um homem que sofre”, conta ela, “então eu lia o breviário em voz alta, visto que ele não podia ler e não tinha quase voz para falar. Meu Deus, que carnalidade, que peso tinham aquelas palavras quando eu as lia!”. “Um padre vinha para celebrar a Santa Missa quase todos os dias. Quando o padre não vinha, era ele mesmo que a celebrava sentado. Ou então ouvíamos música juntos. Não se consegue dizer nada diante do sofrimento, mas o ser se impõe, compartilha e pronto”. Como aconteceria num dia em que, juntos, reviam a Maestá, do pintor Duccio di Buoninsegna: “Quando passávamos pela crucificação, eu explicava que um ladrão olhava para Cristo e o outro não. Mas Virgílio me disse que os dois ladrões estavam pregados na cruz e todo o corpo deles doía: ‘Tem dor que



Padre Virgílio em uma convivência da comunidade de Belo Horizonte em Ouro Preto, 1997. À direita a imagem de João e Maria aos pés da cruz na Serra da Piedade.

parece não permitir olhar para Cristo. Você não tem a energia, mas não existe nada que impeça de deixar-se olhar por Ele. O bom ladrão se deixava olhar'. Nada impede o meu relacionamento com Cristo".

Virgínia, outra amiga dos primeiros tempos, conta que passou dois dias cuidando de Virgílio após a operação, com Sêmea, sua companheira na casa dos Memores Domini em Brasília: "Estava muito pálido, o cabelo muito branco. Carregamos por dois dias os banquinhos e os travessieiros para ele poder apoiar o corpo, as pernas. Tínhamos de estar atentas aos horários dos remédios. Sentia-me como uma menininha correndo ao mais simples aceno do pai. Brincávamos, incentivando-o a fazer 'a ginastiquinha' para a respiração, tratávamos de consolá-lo quando parecia mais triste. Pedia para rezar e conseguiu, depois de vários dias, celebrar a missa. Tudo feito com dor, mas cheio de simplicidade e abandono".

"É impressionante e doloroso ver o calvário de Cristo", testemunha Rosetta, "ver em certos momentos um homem que chora, ver a carne que luta, que se debate para viver, mas a coisa grande é que tudo isso colabora para o desígnio que o Mistério está realizando, colabora com o mundo. Compartilhar e abraçar a dor torna o homem realmente cheio de letícia; parece uma contradição, mas é a única condição para ser homens verdadeiros". Não se pode evitar a lembrança de outro episódio daquelas semanas: "Um dia, quando ouvíamos o Stabat Mater de Vivaldi, Virgílio me fazia notar a passagem da música que dizia: 'Orsù, madre fonte di amore, fà che io senta la violenza del dolore, che pianga insieme a te. Permetti che il mio cuore si infiammi nell'amore per Cristo Dio, per piacere a lui!' [Mãe, fonte de amor, faz com que eu sinta a violência da dor, que chore contigo. Permita que meu coração se inflame no amor por Cristo Deus, para agradar a ele]. E dizia: 'Ouça este movimento, esta melodia que se abre e depois se junta: isso indica uma mesma experiência. Quer dizer que o amor a Nossa Senhora e a Cristo e o abraço da dor são uma única coisa, uma coisa só'".

Quatro dias depois, em 30 de setembro, Virgílio foi novamente internado no hospital, piorando gravemente a cada dia. Os amigos se revezavam dia e noite para estar com ele. Muitos do revezamento eram os amigos da Serra, gente que ele abraçava, sempre abraçou. Padre Guido, de Salvador, fala de seu último encontro com Virgílio, em 7 de outubro: “Eu estava com aquele que foi o instrumento que Deus usou para me convidar ao Brasil. Entre todos os encontros e momentos de convivência, aquele foi o mais decisivo: quando nos encontramos com o olhar, sem falar, renovou-se aquele primeiro convite. Era como se Virgílio dissesse: olha, eu dependo totalmente dos outros; lembre-se de que é só acolhendo o abraço de Cristo nesta companhia que não ficas sozinho, mas entregue a um Outro, Àquele que nunca nos deixa”.

O encontro com o homem naquele quarto de hospital imprimiu seu registro em cada um dos amigos que o visitaram. Carras, enviado da Itália com padre Fabio por padre Giussani, para acompanhar e compartilhar com Virgílio e os familiares os últimos instantes de vida, diz: “Ali vi um rosto cheio de paz e um olhar que mirava profundamente o destino, Jesus”. Anibal, da Argentina, lembra que nos últimos dias o amigo pedia para ser ajudado a “encher com orações o tempo que ainda lhe restava”. Os Memores de Cesena souberam que “nos momentos de lucidez, antes do declínio final, Virgílio pedia a Cristina, dos Memores do Brasil: ‘Fale-me de Jesus’”.

A mãe e os irmãos passaram os últimos dias com Virgílio – o pai, Angiolo, falecera alguns anos antes. Manuela, a grande amiga desde o início da década de 1970, que é hoje dos Memores Domini da casa de Cesena, fala do encontro de Virgílio com sua mãe e irmãos, em 10 de outubro: “Virgílio reunira todas as suas forças para esperar aquele momento e dar-nos a alegria de poder voltar a abraçá-lo. Apesar do sofrimento enorme, desejava poder fazer festa pela nossa presença, mas quase não conseguia mais falar, e então fez o gesto mais belo para todos nós: molhou os dedos na água do copo que lhe haviam dado para beber e nos abençoou. O mesmo gesto que fez com as mãos no dia seguinte, um instante antes de entrar em coma”.

Padre Douglas escreve no Livro de Tombo da Serra da Piedade: “Tendo servido a Nossa Senhora Mãe do Céu, ela o chamou no seu dia, 12 de outubro de 2002, às 22h38”.

“A morte no dia de Nossa Senhora Aparecida foi para todos um sinal de predileção: aquela que ele tanto amava e a quem tinha consagrado sua vida, abriu-lhe a porta do Paraíso”, diz Manuela. Virgílio disse a sua mãe que Maria o “envolveu em seu manto para levá-lo consigo à casa do Pai”.

“Quero viver toda a vida com a inquietude de quem tem um tesouro grandíssimo e não sabe como defendê-lo”, anotava Virgílio mais de dez anos antes. “Não posso ficar livre de Jesus Cristo. Quero ser escravo desse tesouro. Defendo-o fugindo, o defenderei derramando o meu sangue, o defenderei como puder”.

Herança aos amigos

“Vimos morrer um homem”, foram as palavras que Carras e padre Fabio disseram a padre Giussani e a seus amigos ao voltarem para a Itália. Na homilia da missa celebrada em 20 de outubro em San Piero in Bagno, padre Ambrogio Pisoni lembrou: “O coração do homem espera Jesus Cristo: é o que nos lembra o testemunho de padre Virgilio. Ele empregou sua vida pelo Senhor Jesus onde o Senhor o chamou, e o povo o reconheceu. Do menor ao maior, todos reconheceram que aquele homem era um homem feliz porque apaixonado por Cristo, e o amaram e seguiram porque, amando-o e seguindo-o, aprenderam a amar e a seguir o Senhor Jesus Cristo presente aqui e agora”.

“Padre Virgilio foi um tipo de sacerdote do qual a Igreja Católica deve orgulhar-se de modo especial. O seu sacerdócio foi um exemplo de como aproximar fiéis e Igreja, o mundo material e o espiritual por meio de uma espontaneidade pouco vista, onde vale, também, o que o homem é, entre distorções e virtudes. Tive a sorte de ser seu amigo”, afirma o cantor e compositor mineiro Celso Adolfo.

Para Carras, “Virgilio é o exemplo da pessoa simples que, entregando-se em obediência, torna-se grande e fecunda para todos. E a comunhão que hoje vive o Movimento no Brasil, apesar das enormes distâncias, foi preservada pela sua humildade, amizade e proximidade”. Ele se impressionou quando foi à Serra, no dia do funeral, e pôde ver o quarto de Virgilio: “Na cama, o rosário, e, lá ao lado, as garrafas de vinho

Padre Virgilio, 1996.



italiano para os amigos. Dava para ver que toda a sua casa era feita para encontrar os amigos. A maneira como estavam dispostas as mesas, as cadeiras, a lareira. A grande mesa para as refeições. Tudo era feito para acolher as pessoas”.

Os amigos de San Piero e Cesena constituíram uma associação, a Fondazione don Virgilio Resi, que se reuniu pela primeira vez em 6 de abril de 2003 para ajudar a continuar a obra de Virgilio no Brasil. Sob a proteção de Nossa Senhora de Corzano Aparecida.



Férias na Itália, em 1994.

“Sinto a nossa história explodir em mim”, escreveu padre Massimo, de Roma, missionário por tantos anos no Brasil. “Nós nos pertencemos para sempre. Bendita é essa história que nos doou uma amizade que nem a morte sabe destruir, e que nos faz vir vontade e desejo só de santidade”.

Foi exatamente essa explosão que se viu na comunidade de Belo Horizonte e em todo o Brasil. Há, em todos aqueles que Virgílio encontrou, na Serra e em todos os lugares por onde andou, não um saudosismo, mas o desejo de que aquela experiência humana que viveram na companhia com ele cresça e toque cada vez mais as pessoas, inefável sinal da presença de Cristo.

“A paz verdadeira, nesta vida, é a inquietude do coração; o resto é inconsciência”, escrevia Virgílio há muitos anos, numa singela e precisa definição de sua herança: “Sei que a contradição não vai acabar. Vai ser aquilo que vou deixar aos meus amigos quando morrer”.

